

APRESENTAÇÃO

JACQUELINE KACZOROWSKI¹

NATHÁLIA ROCHA SIQUEIRA²

Produções literárias africanas costumam exigir de seus estudiosos metodologias de trabalho abertas à interdisciplinaridade. Se toda crítica literária precisa atentar ao chão histórico em que estão assentadas as formas artísticas, quando o olhar é dirigido ao continente africano o esforço deve ser redobrado, uma vez que a complexidade do cenário, por um lado, e o usual desconhecimento que o rodeia, por outro, engendram desafios que muitas vezes não podem ser resolvidos com recurso a apenas uma área de conhecimento. Dentre as possibilidades, acreditamos que o diálogo entre as áreas de História e Literatura pode favorecer a construção de compreensões mais apuradas tanto das formas historicamente constituídas das obras literárias quanto dos contextos históricos figurados literariamente, uma vez que possibilitaria maior atenção à complexidade dos entrelaçamentos, sempre mediados, entre literatura e realidade social. Dado que muitas vezes, devido ao pouco acesso à historiografia do continente, obras ficcionais são lidas como se correspondessem diretamente a alguma realidade específica do espaço que "representam", acreditamos que a observação atenta à historiografia poderia ajudar também a paliar alguns equívocos que podem decorrer desse tipo de leitura. Partindo dessas premissas, a proposta de dossiê convocou contribuições de historiadores e críticos literários que tivessem como objeto de atenção narrativas produzidas no continente africano.

Neste segundo semestre de 2024, assim, a *Revista História em Curso* apresenta seu nono número com o dossiê temático resultante: *Diálogos entre História e Narrativas Africanas*. A escolha do tema encontrou alicerce na fertilidade que estudos das relações

¹ Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH - USP), sob orientação da profa. Dra. Rita Chaves. Em 2020 realizou estágio de pesquisa na Universidade de Lisboa sob supervisão da profa. Dra. Ana Paula Tavares. Foi docente do curso de Graduação em Letras da Universidade de Aswan (Egito) e é membro dos grupos de pesquisa PIELAFRICA, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro e GEHISLIT, interinstitucional e interdisciplinar, vinculado ao Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: jacarandaroxo@gmail.com

² Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob orientação do prof. Dr. Washington Nascimento. Bacharel e Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente e Pesquisadora integrante dos grupos: Grupo Interinstitucional Áfricas e GEHISLIT - PUC MINAS. E-mail: nathmariers@gmail.com

entre História e Literatura ganham no solo das narrativas literárias africanas que, principalmente a partir do século XX, frutificaram em obras que muitas vezes buscaram suprir a função de outras disciplinas em cenários onde a fragilidade institucional era a norma, à semelhança do caso brasileiro no início da constituição de nossa “literatura empenhada” (Candido, 2007, p. 28), por meio da qual era possível também visitar os “caminhos comumente percorridos pela História, Sociologia, Antropologia e Geografia de um povo.” (Chaves, 1999, p. 22).

No caso dos países africanos de língua portuguesa, a tal tarefa somava-se ainda a da construção de ideias de nação que pudessem unificar descontentamentos com o objetivo de possibilitar a luta por independência de países cujas fronteiras foram traçadas à revelia dos povos que habitavam esses espaços. Ou seja: era preciso inventar esses países, com todas as contradições que isso implicava, uma vez que sua efetiva criação foi também produto da violência colonial, dado que, de maneira dispersa, seria impossível fazer frente à força opressora. A própria escolha de uma língua oficial, inicialmente imposta como novo recurso de administração dos territórios, carrega marcas indelévels de sua historicidade turbulenta.

Uma vez que foi preciso legitimar o que lhes foi imposto, apesar das contradições decorrentes que persistem no continente, a produção literária daquele período obteve uma repercussão considerável, desempenhando papel importante na consolidação de projetos culturais que, simbolicamente, fortaleciam as lutas de libertação sem deixar de considerar a diversidade de vozes que as compunham. Como se pode imaginar, as expressões artísticas carregam marcas profundas dessas contradições essenciais. Os próprios escritores, em muitos desses cenários, tiveram participação ativa em ações anticoloniais e, no pós-independência, na procura por construir governos alternativos. Em Angola, por exemplo, não se pode pensar projetos como o do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) sem considerar a dimensão literária e a importância que foi dada à produção cultural. Como afirma Rita Chaves (1999), agentes literários também foram agentes políticos do seu tempo, idealizadores de projetos de nação que participaram da escrita da História nos contextos dos quais faziam parte.

Embora no início do desenvolvimento literário de muitos desses espaços a poesia tenha tido protagonismo, dada a maior facilidade de ser partilhada em voz alta – o que dialogava com o repertório cultural de muitos povos nativos do continente –, o privilégio concedido à narrativa no dossiê deve muito ao mesmo repertório prévio, uma vez que até

mesmo a produção poética de muitos autores de língua portuguesa, por exemplo, foi “contaminada” por procedimentos narrativos da “oratura” (Macêdo, 2008, p. 49) de alguns povos. Procedimentos estilísticos emprestados da oralidade, portanto, ao mesmo tempo que alimentaram a lírica, recuperavam dramatizações indiretas de aspectos do real (Schwarz, 2010, p. 244) que se assemelham àqueles que caracterizam o funcionamento do romance, conforme descrito por Antonio Candido:

Mais ou menos equidistante da pesquisa lírica e do estudo sistemático da realidade, [o romance] opera a ligação entre dois tipos opostos de conhecimento; e como vai de um pólo ao outro, na gama das suas realizações, exerce atividade inacessível tanto à poesia quanto à ciência. O seu fundamento não é, com efeito, a transfigurada realidade da primeira, nem a realidade constatada da segunda, mas a realidade elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa, fecundando-a interiormente por um fermento de fantasia, que a situa além do cotidiano – em concorrência com a vida. Graças aos seus produtos extremos, embebe-se de um lado em pleno sonho, tocando de outro no documentário. Os seus melhores momentos são, porém, aqueles em que permanece fiel à vocação de elaborar conscientemente uma realidade humana, que extrai da observação direta, para com ela construir um sistema imaginário e mais durável (Candido, 2007, p. 429).

A figuração de aspectos do real encontrada em narrativas ficcionais, portanto, toca indiretamente e de maneira mediada elementos e episódios históricos. Aliadas da historiografia, assim, podem iluminar discussões acerca de dimensões da memória e da representatividade de povos e comunidades desenraizados pela violência, trazendo formas de narrar suas próprias histórias em desacordo com os diversos interesses que orientam a construção de histórias oficiais – tanto no período pré-independência, cujos enfoques eram quase exclusivamente dos colonizadores, quanto no pós-independência e em territórios diaspóricos nos quais a produção historiográfica ficou a cargo dos vencedores.

As relações entre História e Literatura são, portanto, bastante complexas. Disciplinas distintas, com metodologias próprias de trabalho que não podem ser confundidas, ambas contribuem com a pluralidade de pontos de vista necessários à construção de interpretações da realidade. Em espaços nos quais a historiografia foi por muito tempo interdita, narrativas literárias puderam contribuir, por meio de sua liberdade imaginativa, com o questionamento de histórias únicas (Adichie, 2019). Ainda que obras ficcionais não tenham qualquer compromisso com a verdade, domínio da produção historiográfica, com os devidos cuidados podem oferecer instrumentos para a construção de interpretações válidas do passado, servindo não apenas como fonte, mas também como

depositárias de visões de mundo e, de maneira cifrada, de índices de historicidade sedimentados em sua composição estética.

Em diálogo com tais reflexões, os textos que compõem esta edição buscam contribuir com debates sobre algumas das muitas relações possíveis de serem estabelecidas entre História e Literatura, partindo de diversas perspectivas. Recebemos uma grande variedade de trabalhos, que puderam ser divididos entre o dossiê temático, exclusivamente voltado aos trabalhos que se referem ao continente africano, e a seção livre, que a *Revista História em Curso* mantém sempre aberta à multiplicidade de contribuições.

O dossiê temático principia com o artigo *Performando a Moçambicanidade: Festivais nacionais de cultura e a edificação da identidade cultural nacional, 1975-2018*, da professora do Departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane Denise Maria Malauene. O trabalho, resultante de “pesquisa documental e de arquivo, recolha de histórias orais na pesquisa de campo nas províncias de Maputo, Inhambane, Sofala e Niassa, e observação participativa em festivais e concertos musicais, com destaque para os festivais nacionais de cultura realizados na província de Sofala (2016) e na província de Niassa (2018)”, “centra-se na análise da contribuição dos festivais nacionais de cultura nos esforços para a consolidação da unidade nacional e para a edificação da moçambicanidade, entre os anos 1975, altura em que foi proclamada a independência nacional de Moçambique, e 2018, ano da realização da X edição do Festival Nacional de Cultura na província de Niassa, na região norte de Moçambique”. A autora nota que os festivais, ao longo de seu desenvolvimento, “foram-se constituindo em arquivos, ligando o passado, ao presente e ao futuro, e como momentos de preservação e transmissão do legado histórico e das conquistas e valores culturais de Moçambique para as gerações vindouras”, processo que, contrapondo-se às heranças coloniais, contribui com a construção de uma ideia de “Moçambicanidade” – ideia que, como é próprio da complexidade que a constitui, segue também sendo “contestada e desafiada, e continua um processo inacabado”.

Tratando de produções literárias africanas originalmente em língua portuguesa, o segundo artigo, de Carla Tais dos Santos (doutoranda – USP), focaliza o espaço do romance *Entre as Memórias Silenciadas (2013)*, de Ungulani Ba Ka Khosa, para refletir acerca da temática dos campos de reeducação, idealizados durante o processo de independência como espaços de formação do homem novo moçambicano. Em *Os muitos*

campos em Entre as Memórias Silenciadas, de Ungulani Ba Ka Khosa, defrontamo-nos, portanto, com uma investigação tanto sobre a figuração desses espaços na obra, quanto sobre os papéis desses espaços ao longo da História recente de Moçambique, uma vez que se modificaram de acordo com diferentes contextos.

Continuando em território moçambicano, a terceira contribuição apresenta um exercício comparativo entre o conto “A Rosa Caramela”, de Mia Couto, e o romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. Explorando o contexto pós-colonial de Moçambique, a autora Sara Elizabeth Martins Ferreira Silva Pinto (mestranda – PUC Minas) observa a construção de personagens femininas para refletir acerca de sua condição e o trauma proveniente do abandono em uma sociedade patriarcal e híbrida, atravessada por questões ligadas a tradição, modernidade, matrimônio, loucura e segregação, concluindo que “[a]s construções das personagens em questão demonstram como as amarras do trauma e das noções dos papéis sociais atrelados ao feminino as mantiveram em um “estado de possessão”, condição vivenciada por sujeitos traumatizados, conforme posto por Caruth (1995)”.

O quarto componente do dossiê, intitulado *O jogo do amor em cartas de João Albasini: representações de gênero na literatura moçambicana do início do século XX*, à luz da teoria feminista e dos estudos pós-coloniais, investiga “quais arquétipos estão associados ao modo de ser e estar da mulher no espaço-tempo” moçambicano das primeiras décadas do século, período em que o país ainda se encontrava submetido ao domínio colonial português. Diferente, portanto, dos textos anteriores, voltados ao período pós-independência, aqui as autoras Maressa Cristina Gonçalves Vasconcelos (mestranda – UFU) e Larissa da Silva Lisboa Souza (professora – UFLA) buscam compreender o lugar da mulher no imaginário da elite moçambicana contestatária do início do século XX ao se debruçarem sobre as imagens do feminino apresentadas pelo gênero epistolar da obra *O livro da dor (cartas de amor)*, de João Albasini (1876 -1922).

Caminhando em direção ao outro lado do continente, o quinto artigo, *Sem passado, sem futuro: a representação das elites e a utopia possível em O desejo de Kianda*, trata de uma obra angolana. Letícia Vital Ferreira (mestranda – USP) escolhe o romance *O desejo de Kianda*, de Pepetela, para pensar também sobre o contexto da guerra civil angolana, considerando a relação que a literatura angolana usualmente estabelece com sua história. Observando a representação das elites políticas e econômicas angolanas, a crítica aos descaminhos do governo e sua desconexão com a realidade do povo, além

da complexa relação entre tradição e modernidade, muito presente em diversos textos oriundos do continente, o trabalho defende que “[t]endo como base o simbolismo da destruição da cidade de Luanda (Macêdo, 2006) e da união entre mais-velhos e crianças (Padilha, 2011), a análise de trechos da obra possibilita a leitura utópica da conexão entre Cassandra, Velho Kalumbo e Kianda em prol da reinvenção de Angola.”

O artigo que fecha o dossiê *Diálogos entre História e Narrativas Africanas* contempla parte da herança de língua inglesa do continente. *Memória do invisível: A presença Mulher do Lago na Guerra de Biafra em Never Again de Flora Nwapa*, de Amanda Ribeiro dos Santos (mestranda – UFMG), observa como se apresentam na obra literária algumas das transformações que ocorrem em comunidades submetidas a eventos trágicos. Quando, conforme muito bem nomeado por Chinua Achebe, o “*mundo se despedaça*”, mitos e ritos são afetados, morrem ou nascem, ocasionando mudanças nas relações de culto a deidades como a Mulher do Lago, por exemplo, demonstrando como o “Poder Invisível” também é afetado pela experiência da guerra.

Na seção livre contamos com oito trabalhos de temáticas variadas. Alguns, tratando de contextos afro-diaspóricos, tocam também em suas relações com África, entretanto foram intencionalmente separados do dossiê para enfatizar a distinção entre produções africanas e aquelas que atualizam memórias ligadas ao continente, evitando, assim, certas confusões que por vezes atrapalham o reconhecimento das importantes diferenças entre os contextos abordados. Tratar com cuidado as diferenças entre os contextos e seus respectivos campos de estudos, no entanto, não elide a importância de colocar em diálogo assuntos que podem enriquecer os debates, muitas vezes de maneira comparativa, complementar, relacional.

O primeiro artigo desta seção, *Analisando a representação de personagens históricos africanos: um estudo sobre Um defeito de cor (2006)*, de Lara Soares D'Aurea (graduanda – UFF), compõe um estudo histórico-literário do romance de Ana Maria Gonçalves buscando compreender como é construída a imagem de África na obra. A partir de análises quantitativas e de uma avaliação crítica baseada na teoria de Mikhail Bakhtin e na historiografia africanista sobre os agudás e a África Ocidental no século XIX, o trabalho investiga o papel que personagens históricos africanos ficcionalizados empreenderam na composição da representação do continente africano.

Ainda no terreno literário, Cleiton Luiz Kerber (mestrando – UFRGS), em *Cimarrón e poesia: relações entre os poemas de Candelario Obeso e a prática da*

cimarronaje, por meio da apresentação da obra *Cantos populares de mi tierra* demonstra como um dos movimentos mais fortes de resistência colombianos criou espaços de formação e vivência da cultura e da ancestralidade do povo negro e afrodescendente latino-americano e caribenho, apresentando também o importante conceito de *cimarronaje* e suas transformações históricas.

Deslocando-se das obras literárias em direção à historiografia, Ana Clara Menezes de Andrade (graduanda – UEFS) e Luana Melinda Mascarenhas Epifanio (graduanda – UEFS) tratam de questões diaspóricas ao refletirem sobre a conquista da alforria de mulheres negras durante o século XIX brasileiro. Observando o caso das ganhadeiras, o artigo *Mulheres negras e a conquista da alforria nas cidades de Salvador e Rio de Contas durante o século XIX* compreende a trajetória de algumas dessas mulheres como exemplo de uma das faces da resistência negra ao longo da história da escravidão no Brasil. Para explorar a temática, utilizam-se da historiografia produzida por intelectuais que debatem questões da resistência negra e relações de gênero com o objetivo de examinar as estratégias usadas por estas mulheres na procura por superar as barreiras sociais, econômicas, raciais e culturais da época em busca de emancipação.

A Teologia da Retribuição: uma discussão sobre o cativo africano e a lógica hierárquica escravista moderna, quarto trabalho da seção, também focaliza a historiografia sobre a escravidão, muito explorada, visando demonstrar o valor operativo dos conceitos “Teologia da Retribuição” e “Santidade” para observar a sustentação da Igreja Católica como principal instituição organizacional do período moderno, perpetuando a lógica hierárquica escravista. Alan Marques de Pinho (pós-graduado – Cruzeiro do Sul) e Arthur Luis Vasconcelos da Costa (pós-graduado – PUC-RS) convocam a atenção à importância do estudo do tema, para o qual também elencam contribuições de Certeau (1998), Oliveira (2007) e Paiva (2020).

Da autoria de Yasmim Prata Villar Marcelino (mestranda – UNIR) e Norma Rodrigues de Oliveira (graduanda – UNIR), *A educação quilombola em Pedras Negras: a narrativa de uma docente e o Projeto Raiz* traz a discussão à contemporaneidade ao discutir estratégias de ensino, com foco específico na análise da formação docente no curso de licenciatura em História. Por meio de análises qualitativas, quantitativas e entrevistas estruturadas, o artigo apresenta alguns dos desafios da educação quilombola, que infelizmente ainda não é contemplada adequadamente de acordo com o previsto pelo Plano Estadual da Educação de Rondônia.

A partir do sexto artigo deixamos os diálogos com temáticas afrodescendentes e navegamos em outros mares. *A influência dos comerciais de estética e embelezamento nas revistas ilustradas do Brasil: um estudo entre a Para Todos e Revista Feminina nas décadas de 1920 - 1930*, de autoria de Thayse Evelem Alve Delfino (graduanda – UEPB), conduz o debate ao campo das relações entre propaganda e estilo de vida na sociedade da década de vinte do século passado. Com base nas análises de Jhon B. Thompson (1998), a autora reflete sobre como se estrutura a mídia editorial, mediante planos de ação e representações simbólicas, utilizando também contribuições da história das sensibilidades, conforme apresentada por Sandra Pesavento (2009).

Mario Miranda Antonio Junior (doutorando – UFABC), no sétimo artigo de temática livre, propõe uma reflexão que busca, nas palavras do autor, “desvelar o contexto histórico em que ‘A desobediência civil’ foi concebida, destacando a sua relevância como forma de resistência ao arbítrio e a opressão no âmbito do capital imperialismo”. O texto descreve como “A desobediência civil” serve de inspiração contra o imperialismo, o colonialismo, o militarismo e o autoritarismo até os dias atuais. Utilizando-se do método materialista histórico, o artigo *Thoreau e a atualidade da desobediência civil* também lança um olhar analítico à História americana e os discursos que sustentam sua hegemonia.

Por fim, “*Obedeço, mas não cumpro!*”: *Diálogos entre as Independências Hispano-americanas e os livros didáticos brasileiros*, de Luiz Felipe dos Santos Narciso (graduando – UERJ), encerra a nona edição da *Revista História em Curso* de forma rica, trazendo à luz necessárias reflexões acerca da História contada pelos livros didáticos. O autor escolhe cinco obras utilizadas no Ensino Médio e analisa, por meio da escolha de alguns eixos temáticos, suas abordagens, com apoio teórico-metodológico dos trabalhos de Helenice Rocha, Jean Carlos Moreno e Jeferson Rodrigo da Silva, além do conceito de transposição didática trabalhado por Ana Maria Monteiro.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos (1750 - 1880)**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Coleção Via Atlântica, v. 1, 1999.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora UNESP; Luanda: Nzila, 2008.

SCHWARZ, Roberto. Um avanço literário. **Literatura e Sociedade**, n. 15, 2010.
Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i13p234-247>